

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 131

Assinaturas

AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 14500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Na camara baixa, como dissemos, o protesto contra as tentativas do rei para augmentar o exercito e contra a collocação de officiaes papistas nos regimentos e nas repartições militares, foi ruidoso.

Midleton, secretario d'estado, depois de ter commentado longamente o discurso do rei, pediu, não só que a resposta a esse discurso manifestasse o reconhecimento da camara, mas que esta se occupasse logo da verba necessaria para o augmento das tropas. Insinuou, mesmo, as phrasas da resposta ao discurso da corôa, na parte relativa á collocação dos officiaes papistas á frente das tropas, isto é, que se deveria consignar, n'esse ponto, que a camara abdicava nas mãos do chefe do estado, «tão grande militar como grande principe.»

Esta passagem da sua arenga servil foi logo recebida com exclamações de indignação e surpresa. Os proprios, que se tinham mantido indifferentes até ahí, manifestaram a sua indignação. De entre os oradores, que se seguiram, foram calorosamente applaudidos os que mais hostis se mostraram á corôa. Voltava novamente a erguer-se no parlamento, soberana, a voz da liberdade.

Comtudo, ainda houve receios, e a resolução, tomada pela camara, não foi tão decisiva como era para desejar. Votaram-se as sommas pedidas, não para augmentar o exercito mas para o melhorar, e pediu-se ao rei que não continuasse a admittir no exercito, em harmonia com a lei, officiaes papistas.

Apezar das transigencias da camara, Jacques ficou furioso e resistiu. A camara teve medo da lucta. Um deputado chamado Cook, vendo a indecisão geral, ergueu-se e exclamou: «Julgo que somos inglezes e que, como taes, não consentiremos ameaças.» Vin-se n'isto uma offensa ao rei e o deputado foi preso.

Mas a opinião agitava-se. No alto e em baixo. Muitos dos fidalgos, convidados a adoptar a religião de Roma, respondiam com ironias e troças. O rei, então, voltou de novo á violencia. O bispo protestante de Londres foi suspenso das suas funcções. Seguiram-se as perseguições do costume. Os catholicos excitavam o rei a que desse o ultimo golpe, proclamando a religião catholica a religião do estado. Diziam-lhe que fóra a timidez da rainha Maria que perdera a religião de Roma e que fóra a audacia da rainha Isabel que salvara o protestantismo. Como a mulher do rei era esteril, como, persistindo essa

esterilidade, a corôa passava para a casa d'Orange, protestante, os jesuitas empenhavam-se junto do rei para que elle excluísse o principe de Orange da successão.

Ao mesmo tempo, para attrahirem as sympathias dos republicanos, que ainda eram numerosos, proclamavam a liberdade de cultos.

As seitas protestantes, como n'este periodico temos tido occasião de demonstrar, eram e são numerosas na Inglaterra. Sofreram successivas perseguições, não só dos *Stuarts*, catholicos todos no fundo, como do anglicanismo, a religião official da Gran-Bretanha. Presbyterianos, puritanos, quakers, etc, odiavam quasi tanto os bispos anglicanos como os bispos de Roma. Ora os jesuitas, que cercavam Jacques II, não tendo força para impôr a religião romana sem o auxilio das seitas protestantes dissidentes, recorreram a estas, prometendo-lhes a abolição de todos os privilegios religiosos, a liberdade de cultos, enfim. A propaganda, que fizeram n'este sentido, é uma das mais celebres hypocrisias que a historia assignala na egreja de Roma. Os carrascos, que tinham praticado as atrocidades que descrevemos no ultimo artigo, subiam aos pulpitos prégando a liberdade de cultos com um tal ardor e intimativa, que era difficil duvidar. E alguns dos chefes mais notaveis das seitas emancipadoras, como Steward e Penn, cahiram no laço e fizeram causa commum com os jesuitas.

A filha mais velha do rei era casada com o principe de Orange. Como a rainha estava esteril, o throno pertencia a essa filha. Mas sendo o principe d'Orange protestante e querendo os jesuitas assegurar o seu triumpho definitivamente, não lhes convinha uma successão de tal ordem.

Que fazer?

O rei tinha outra filha. Tinha tambem um filho bastardo, o duque de Fitz-James. Havia, pois, um recurso: excluir da successão o principe d'Orange, a pretexto de elle consentir na Hollanda os revolucionarios inglezes que lá se acolhiam, e proclamar herdeira da corôa a segunda filha, depois de convertida ao catholicismo, ou o bastardo. Mas isto tinha perigos. Offerecia difficuldades e os jesuitas fogem d'ellas sempre que podem, sem olharem aos processos empregados para isso. O melhor seria arranjar uma gravidez para a rainha e um *producto* d'essa gravidez.

Mãos á obra.

Annunciou-se que o rei e a rainha iam fazer uma viagem de devoção ás aguas de Bath. Estas aguas, predecessoras das aguas de Lourdes, eram milagrosas como estas. Davam vista aos cegos

e filhos a quem os queria. A rainha ia lá em penitencia, carregada de presentes para a santa padroeira, e haviam de vêr como ella vinha de lá com a barrigui-nha cheia, principalmente se no caminho visitasse a capella de Santo Hunifredo, um sauto de paiz de Gales, que nunca deixara de satisfazer as mulheres que a elle haviam recorrido.

E lá foi a rainha.

Lá foi á procura do milagre que lhe desse um filho.

Lá foi. E no proximo numero veremos o resto da historia, que é engraçadissima.

No nosso ultimo numero saliram varios erros typographicos, de que resultaram incorrecções, sempre tão fa-ceis quando os auctores não reveem os seus artigos, que é o caso seguido no *Povo de Aveiro*.

Dispensamo-nos de emendas, que são inuteis n'esta altura. Mas ficam resalvados os erros, em geral.

Por mando e soldo dos francaceos, escreve *Cabecinha* que o sr. Homem Christo nunca fez em Aveiro coisa de valia.

Nem sempre foi da mesma opinião o mesmo *Cabecinha*.

A *Vitalidade*, de 15 de dezembro de 1895, escrevia, a proposito da eleição municipal onde Manuel Firmino appareceu colligado com os de Ilhavo:

«Exactorado pelo sr. Francisco Christo na gloriosa campanha que no *Povo de Aveiro* lhe moveu, corrido pelo povo d'esta cidade na questão das *irms da caridade*, eil-o que, como instrumento da vingança de Ilhavo contra o governo, de novo se põe á frente da vereação aveirense.»

Por conseguinte, *Cabecinha* entendia que Manuel Firmino tinha sido exactorado na gloriosa campanha que o sr. Homem Christo lhe moveu.

Hoje escreve *Cabecinha* que o sr. Homem Christo nunca fez nada, nem vale nada.

Coitado. Ha sete annos esperava ganhar o emprego dizendo *glorias* do sr. Homem Christo.

Hoje espera ganha-lo dizendo d'elle baboseiras e infamias.

Quando a miseria entra pela porta, a virtude sahe pela janella.

O peor é que a virtude nunca se abrigou nos coiros d'aquelle safardana.

De resto, emprego tem elle d'esta vez. D'esta vez é certo. Mas quem li'o dá somos nós.

E já o temos dado assim a uns poucos!

São inaugurados no proximo mez de março os trabalhos de construcção do novo caminho de ferro do Valle de Vouga.

O SR. LIMA

Além da hypocrisia em que se fundamentava a propaganda a favor do sr. Jayme de Magalhães Lima, o elle sêr *filho da terra*, havia e ha n'ella um erro que poderia ser de consequencias funestas para a cidade se a cidade não viesse, como tem vindo, reconsiderando a tempo.

A cidade não pôde de fórma nenhuma impôr-se nunca ao districto de uma maneira irritante. E nada mais irritante, porque é offensivo, porque é petulante, porque é asnático, do que dizer ás outras terras da região: «repellimos os vossos homens porque elles não são filhos de Aveiro.»

Isto só de burros. Uma propaganda de tal ordem, tudo quanto ha de mais perigoso para a nossa hegemonia, só podia ser admittida por essa sucia de cavalgadas que constituem o tal grupo francaceo em Aveiro.

Se nós repellimos os homens do districto por não serem filhos de Aveiro—e de que fórma elles foram repellidos na penultima eleição legislativa!—damos-lhes a elles o plenissimo direito de nos repellirem a nós. Desde que a cidade de Aveiro passe a tornar-se exclusiva no districto, claro é que o districto quebrará toda a solidariedade com ella e, quebrando essa solidariedade, os nossos interesses soffrem um golpe profundo e irremediavel.

Para isto chamamos a attenção do povo, que é estranho a *colteries*, que nada tem que vêr com o grupo A ou B, que se não pôde confundir com as cavalgadas que pretendem impôr-se-lhe e dar-lhe leis, da loja do Ricardo, do Picado ou do Meirelles. O povo, onde reside toda a força, nem se deve confundir com cavalgadas de tal ordem, nem, por orgulho proprio, tolera-las. Aveiro é uma cidade popular por excellencia, onde o povo tem opinião, onde o povo é intelligente—onde tem criterio para vêr as coisas por si proprio. Nada mais ridicula do que a pretensão da tal *Associação Commercial*. O commercio em Aveiro não constitue uma classe poderosa, patriótica e illustrada,—sem que entre ella deixe de haver excepções—como em Lisboa ou no Porto. Quem são os commerciantes de Aveiro? São o Ricardo, o Meirelles, o Picado, e quejandos. São estes que constituem a chafarica chamada *Associação Commercial*, de que se excluíram voluntariamente, ou em cujas decisões não interveem pelo menos, os commerciantes intelligentes da cidade.

Ora estar o povo ás ordens de tal chafarica, consentir, sequer, que ella tente impôr-se-lhe, é indigno dos brios populares.

Que não cáiam n'essa as classes trabalhadoras, e que reparem bem para o abysmo para onde a tal chafarica tentou e tenta arrastar a cidade.

Como se sabe, houve sempre idéa de acabar com o districto de Aveiro. O sr. Jayme de Magalhães Lima é um dos grandes partidarios d'essa idéa. Mas a suppressão do districto é um desastre, um grande desastre, e como tal, contra elle devem estar sempre prevenidos os aveirenses que estimam a sua terra. Ora, qual é a

melhor maneira de nos prevenirmos contra essa eventualidade? E' dizer, com sobrançeria ridicula, com orgulho estúpido, aos de Agueda, aos d'Albergaria, aos de Anadia ou Mogofores, aos de Vila da Feira ou d'Ovar: ponham-se lá fóra, que nós só queremos aqui os de Aveiro?

Se amanhã se attentar contra a integridade do districto d'Aveiro, ou temos em volta de nós, fazendo córo commosco, as terras todas do districto, ou estamos irremediavelmente perdidos.

N'uma tentativa de tal ordem, basta que Oliveira d'Azemeis, Villa da Feira e Ovar declarem que querem pertencer ao Porto, e Mealhada, Anadia e Mogofores que querem pertencer a Coimbra, para que o districto de Aveiro desapareça. Isto é gravissimo e, comtudo, para isso preparam o caminho essas grandissimas cavalgadas que da loja do Ricardo, do Picado, do Meirelles, ás ordens dos doutores reunidos na loja do Domingos Leite, pretendem governar a cidade.

Isto é gravissimo, e o mais elemental bom senso aconselha as classes trabalhadoras, o povo, a unir-se contra esses animaes.

Isto é gravissimo, sendo certo, principalmente, que o sr. Jayme de Magalhães Lima, chefe d'esses alarves que querem dar leis ao povo, é partidario da suppressão do districto.

Em março de 1886 escreveu esse homem, quando queria ser progressista porque tem sido e tem querido ser tudo como os outros que o acompanham, em Março de 1886 escreveu esse homem um artigo no jornal *A Provincia*, do Porto, combatendo o districto de Aveiro, artigo a que nós respondemos no n.º 215, 216 e 217 do *Povo de Aveiro*, de 28 de Março, 4 e 11 de Abril de 1886, dando no homemsinho a tripa que elle merecia. Leiam, que vale a pena.

Elle tem sympathias em Aveiro e nós não as temos. Pois elle esteve sempre contra os interesses da cidade e nós estivemos sempre a favor d'elles.

E' a differença.

Leiam, leiam, que aproveitam. N'esse artigo da *Provincia*, e n'outros que se seguiram, porque não foi só um, o homemsinho não se limitou a combater o districto de Aveiro. Declarou que era inteiramente indifferente para a cidade estar ou não estar a barra em boas condições, haver ou não haver regimento em Aveiro, etc.

Isto lá está. Quem quizer, veja com os seus proprios olhos.

Até era indifferente para o homemsinho haver ou não haver regimento em Aveiro. E por aqui verá o povo a sinceridade com que a cambada dos francaceos defendiam o regimento de cavallaria. A questão não era de regimento. Era de partido. Regimento por regimento, a cidade ganhava mais com o regimento de infantaria. Mas que lhe importam a elles os interesses da cidade? Importam-lhes tanto que o mandão, o chefe, o patrão declarava na *Provincia*, em 1886, espontaneamente, sem coisa alguma que o provocasse, dizendo, por isso, sinceramente, o que lhe ia no intimo d'alma, que tanto importava para Aveiro que houvesse districto como que não houvesse, que

a barra estivesse boa como que não estivesse, que o regimento permanecesse em Aveiro como que não permanecesse.

Tal é o amor que o filho da terra tem á sua terra.

Tal era a sinceridade com que os mariolões defendiam a conservação do regimento de cavallaria.

A questão era outra. Os officiaes de cavallaria eram mais ou menos da intimidade do sr. Jayme Lima, mais ou menos do seu partido. E, por questão de *fumaças*, e, por questão de *colletie* e de partido, elles queimaram os ultimos cartuchos a favor do regimento de cavallaria. E, no desespero dos vencidos, e, na furia da impotencia, se atiraram raivosos ao sr. Homem Christo, chegando a pensar que o deprimem, na cegueira do seu odio, quando não fazem senão eleva-lo porque nada mais conseguem do que impo-lo como o primeiro responsavel da sahida do regimento de cavallaria, como o homem que mais influin n'essa questão, como o mais poderoso inimigo da corja nas questões da localidade.

Imbecis, que nem reparam n'isto!

Se o lançassem ao desprezo, ainda poderiam disfarçar a convicção, que possuem, da sua superioridade. Assim, salientando essa convicção, não fazem mais que elevar e salienta o homem.

Imbecis!

Mas voltemos ao perigo em que a cidade permanece.

A campanha, feita contra o sr. Albano de Mello, limitou-se toda a repelli-lo por não ser filho de Aveiro e a levantar o sr. Lima por ser filho de Aveiro. N'esse jacobinismo pelintra chegou-se ás ultimas infamias. Os amigos do sr. Albano de Mello foram assaltados nas ruas. A alguns, que vieram aqui de fóra em carruagem, foram despedaçadas as carruagens. Isto offendeu Agueda e todas as terras do districto, que não podiam vêr com bons olhos processos de tal natureza. Isto alienou sympathias das outras localidades, quando é certo que toda a boa politica de Aveiro deve consistir em tornar todas as terras do districto solidarias nos seus interesses, para o que deve trata-las com carinho, apoia-las, protega-las porque só assim manterá a sua hegemonia, a sua supremacia d'entro do districto.

Fazendo o contrario, prepara por suas proprias mãos a força onde se ha de enforcar. Apoiando o sr. Jayme Lima, que é partidario da supressão do districto, sóbe á força de coração leve, imbecilmente, corrida pelos apupos de toda a gente séria e sensata. Que atenda o povo.

E' necessario separar os interesses da cidade dos interesses de um bando.

E voltaremos ao assumpto.

AOS RESERVISTAS

No dia 9 de março, pelas 40 horas da manhã, terá lugar a revista de inspecção annual a todos os reservistas da 1.ª e 2.ª reservas residentes no concelho de Aveiro. Todos os reservistas deverão vir munidos das respectivas cadernetas militares e com os artigos de fardamento que levaram quando passaram á 1.ª reserva. Os que faltarem serão punidos com as penas do regulamento militar. As praças da 1.ª reserva deverão comparecer fardadas ao acto da revista.

O governo francez concede que aos 500.000 homens do seu exercito seja abonado diariamente meio litro de vinho a cada um, para atenuar a crise vinicola, porque, como succede em Portugal, na França manifestou-se a crise vinicola, mas crise de abundancia.

A distribuição do vinho aos soldados importa annualmente em 12 milhões de francos.

Ao sr. dr. Alvaro de Moura

Tendo nós dicto que a conducta do padre Vieira não era digna, que representava uma vellacaria seu nome, uma hypocrisia revoltante, por isso que a *Vitalidade* não é tal do *Cabecinha*, que a vendeu, que nada tem alli, mas do mesmo padre Vieira e do sr. dr. Alvaro de Moura que a compraram por 150.000 réis ao dicto *Cabecinha*, contesta este mariola a nossa affirmação, levando a sua atrevidissima petulancia, que é a de todos os garotos, até ao ponto de nos querer desmentir com o proprio sr. Alvaro de Moura.

N'estas condições appellamos publicamente para o testemunho d'este senhor, que sendo um homem de consideração social não deixará de corresponder ao nosso appello, esclarecendo-nos n'estes pontos precisos:

1.º E' ou não verdade que Accacio Rosa, o *Cabecinha*, declarou que não lhe convinha continuar com a propriedade do periodico a *Vitalidade*?

2.º E' ou não verdade que o padre Vieira propoz a compra, em nome dos dois, ao sr. dr. Alvaro?

3.º E' ou não verdade que, annuindo o sr. dr. Alvaro, o material da *Vitalidade* foi mandado avaliar por homem competente, fixando-lhe este o valor em 150.000 réis?

4.º E' ou não verdade que o sr. dr. Alvaro e padre Vieira levantaram esta quantia na *Caixa Economica*, entregando a ao *Cabecinha*?

Pedimos a s. ex.ª o favor de nos exclarecer n'estes pontos, que é o preciso.

E esperamos que s. ex.ª não deixe de o fazer.

Os francaceos continuam apprehensivos, dizem-nos.

Pois só hoje começámos.

Hoje, sim.

Até aqui foram preludios.

Hoje, sim.

E continuar-se-ha até elles ficarem reduzidos ao numero preciso, só o preciso, para encher um *char-à-bancs*.

PULHAS

Como os leitores verão n'outro logar, a hypocrisia do sr. Jayme de Magalhães Lima era manifesta, quando chorava saudades pelo regimento de cavallaria, por isso que o cidadão do Carmo tinha, anteriormente, escripto na *Provincia* que tanto importava, para os interesses da cidade, que em Aveiro houvesse regimento como não.

A saudade do cavalleiro era pela sua influencia politica, que levava um rombo de bota abaixo.

A opinião do sr. Jayme de Magalhães Lima é sempre a opinião dos fraldiqueiros que o cercam, que pensam e falam pela cabeça e pela bocca d'elle. Limitam-se a pensar e a dizer o que pensa e diz o patrão.

Se Jayme de Magalhães Lima considerava indifferente para os interesses da terra que aqui estivesse ou deixasse d'estar um regimento, o mesmo consideravam os seus lacaios. Todos elles. E tanto que sendo o regimento de infantaria de muito mais vantagens, não só pela troca em si mas ainda pelo que d'essa troca resultaria, elles a ella se oppunham tenazmente e ainda hoje manifestam todo o seu despeito e pezar no odio que votam ao sr. Homem Christo.

Se Jayme de Magalhães Lima, no fundo, não pôde vêr a tropa e só a tolera com a condição d'ella sér do seu partido, o mesmo sentem todos os seus lacaios. Todos! Todos! Elles não sentem, não vêem, não pensam, não

dizem, não cheiram senão o que sente, vê, pensa, diz e cheira o patrão.

Todos! Todos!

Querem vêr?

No primeiro dos artigos que, por ordem d'elles, se estão escrevendo contra o sr. Homem Christo, o ignobil *Cabecinha* manifestava todo o seu amor, respeito, consideração, carinho pela tropa, dizendo que não sentia, de modo algum, aversão ao regimento de infantaria mas só saudade, a *dôr* (textual) com que via partir um regimento que sempre foi escrupuloso dos seus deveres.

Tratante! Refinadissimo tratante!

Querem vêr a saudade e a *dôr* d'esse tratante?

Querem vêr como elle, até na hypocrisia, é subdito fiel do tal sr. Lima que TANTO SE IMPORTAVA QUE HOUVESSE EM AVEIRO, COMO QUE NÃO HOUVESSE, REGIMENTO?

Ora attendam.

«Vitalidade» de 12 de novembro de 1899:

«Diz se que o paiz paga uns cinco mil contos para sustentar, devida e escrupulosamente fardada, essa tropa fardanga que por ali passeia de espada á cinta com manifesto prejuizo do que ha de mais preciso na economia nacional, na agricultura que é a fonte de todas as riquezas, na industria, no commercio, em tudo o que significa trabalho e por isso mesmo vantagens para o paiz.

Anda a pobre gente do campo a ensinar os fillos a trabalhar, a ter amor ao trabalho, para o governo empregar a melhor e a mais robusta vida d'esses fillos nos passeios mirabolantes das ordens officiaes sob o commando de certos macacos fardados que fazem luzir para as namoradas os seus galzes doirados.»

Hein? E que tal?

Não se derretia todo de amor pela tropa? Não era sincera a saudade e a *dôr* com que o pulhasita via partir os MACACOS FARDADOS que faziam luzir para as namoradas os seus galzes doirados?

Não é grande o respeito que o mariola tem pela TROPA FARDANGA que por ali passeia de espada á cinta com manifesto prejuizo do que ha de mais preciso na economia nacional?

Hein?!

E note-se que o biltre nunca fala pela propria bocca. Isso, que ali fica transcripto, foi escripto por elle. E' das MARAVILHOSAS «Cartas d'Aldeia», que vão ser para nós um thesoiro de gargalhadas. E' escripto por elle. Mas apanhado a dente nas palestras com os amos. O pulhasita, como temos dicto e não nos fardaremos de dizer, nada vale por si, sendo um verdadeiro Calino, um idiota sem mistura. Mas vale pelos patrões que o mandam e lhe pagam. O que elle diz alto, dizem os patrões em segredo, na melhor hypothese, que ás vezes tambem o dizem alto, como o cavalleiro Lima na «Provincia».

Não é elle que fala. São os patrões pela bocca d'elle.

Mas ouçam o resto.

O idiota quer que o tomem a sério quando, ridiculamente, pretende convencer os outros de que o sr. Homem Christo receia discutir com elle assumptos militares. E' atrevimento sem par. Por isso mesmo atrevimento de idiota sem mistura. Idiota assim, não ha. Por isso mesmo o seu atrevimento é sem limites.

Pois sabem como elle encara a missão do exercito?

E' do mesmo numero da «Vitalidade», seguimento da tal carta onde elle manifesta o seu respeito, o seu amor, a sua saudade, a sua *dôr*, pela TROPA FARDANGA e pelos MACACOS FARDADOS, que n'este caso eram os illustres officiaes de cavallaria 10, os que elle via a toda a hora n'esse tempo, e que hoje lhe estão muito agradecidos por tanta *dôr* e saudade.

Ora ouçam:

«O governo pôde cultivar os seus baldios e auxiliar as camaras municipaes e juntas de parochia com os seus soldados sob as ordens dos officiaes que, para isso, devem ser devidamente instruidos na sciencia theorica e pratica da agricultura, nos principios da industria e mesmo nos do commercio.

Pensem n'isto, de preferencia a pensarem no melhor modo de dar na vista, de ostentarem vaidades balofas, de definirem com o seu ridiculo o ridiculo da nossa existencia nacional.»

Que grandissimo imbecil! Que atrevidissimo idiota!

Ora ali tem a missão a que o cavalleiro chronista da casa da Oliveirinha e do Carmo destina o exercito portuguez, do alto dos seus destinos de sociologo e philosopho.

E' tudo uma questão de estrume. Queria o regimento de cavallaria em Aveiro para fazer estrume e quer os officiaes habilitados a fize-lo espalhar pelas terras de lavoura á frente dos seus soldados.

E anda a convencer a cavalladura do Ricardo, e outras, de que o sr. Homem Christo foge de discutir estratégia com elle.

E estão convencidos!

Isto só em Aveiro.

Grandissimo asno, que só tivesse lucidez por um segundo, quando affirmaste que a penna d'aço do sr. Homem Christo é a verdadeira cruz dos seus detractores.

Grandissimo asno!

No dia da serração da velha ha numero especial em honra dos francaceos. Podia ter sido hoje. Mas não chegou o tempo, apesar de o termos mandado vir pelos arames.

Ha de ser no dia da serração da velha, á parisiense.

Ou bem que se é chic, ou bem que se não é.

Noblesse oblige.

MENTE!

Cabecinha diz que o sr. Homem Christo mandou, ha vinte e tantos annos, assaltar o major Ferreira por um bando das suas creaturas.

Mente.

O major Ferreira foi atacado por um homem só, ferido pela frente, como elle proprio confessou e como a justiça verificou.

E' o que sabemos a esse respeito.

Mente!

Mente ainda quando diz que o sr. Homem Christo esperava o sr. Jayme de Magalhães Lima, o homem do clicote, acompanhado de guarda costas.

Mente!

Mas quando fosse assim, como é que o sr. Jayme de Magalhães Lima, tão popular, tão sympathico em Aveiro, com tantos amigos, tinha medo dos guarda costas do sr. Homem Christo?

Mas sendo assim, porque recusou o sr. Jayme o duello que o sr. Homem Christo lhe propoz?

Foi tambem com medo dos guarda costas?

Mas sendo assim, porque foi que os amigos do sr. Jayme de Magalhães

Lima pediram, com tanta insistencia, como estamos promptos a provar com documentos, que o sr. Homem Christo annuisse a uma comedia de arranjo por meio de testemunhas?

Dirá o *Cabecinha*. Ou, antes, dirão aquelles que falam pela bocca de esse grandissimo idiota.

Nós esperamos.

Solrée

Alguns cavalleiros d'esta cidade, não querendo deixar passar despercebida a epocha carnavalesca, effectuaram na quarta-feira uma reunião dançante no Theatro Aveirense.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

CALINOS

O traço da alma do *Cabecinha* correu mundo, a avaliar por varias cartas que recebemos, e fez rir.

Ainda mais que a canallice do Joaquim de Mello-Freitas. Julgavamos nós que a canallice d'este seria maior motivo para o ficarem conhecendo, fóra de Aveiro, do que o padre a comer latim no necrologio. Pois enganamo-nos. Alguns amigos, que nos escrevem, passam desdenhosamente por cima da canallice e deteem-se, regalados uns, indignados outros, na prosa e no verso do doutor,

O sacristão boqueja em alinhavo

Lascivo encomio

E o padre não só diz latim nascave

Mas até come-o.

«Vergonha das vergonhas, diz-nos um amigo velho. Tenho-me envergonhado muitas vezes do meu bacharelato. Mas nunca como hoje. Tenho-os conhecido burros, aos collegas; tenho-os conhecido canallas, mas nunca os conheci calinos de tal força. O Rosalino não era formado em direito. O Jayme José Ribeiro de Carvalho tambem não. Era o meu supremo consolo. E esse, meu Deus! e esse... é bacharel formado em direito!

Antes ser canalla mil vezes. Ser canalla já não envergonha ninguem em Portugal.»

Outro escreve-nos:

«Você não me dirá porque foi que a alma d'elle abdicou? Foi de raiva. Isso está claro. Mas de raiva porquê? Porque o lyrio se riu junto á bonina?

O lyrio ri junto á bonina

Só de raiva a minha alma abdicou, pasma

Porque a tristeza famulenta traz-me a

Nas duras garras d'ave de rapina.

Por conseguinte toda a historia começou por o lyrio se rir junto á bonina. Mas então d'uma coisa tão simples resulta a raiva famulenta (!) da alma do homem, a abdicção da mesma e o pasmo?

E pasmon porque ia tristeza famulenta (!) teve o atrevimento de lhe pegar n'ella e de a encaixar nas duras garras d'ave de rapina?

Nada! Ah! ha coisa. Ah! anda mysterio.»

Emfim, um terceiro pede-nos que ponhamos a concurso estes enygmas:

Um traço da alma do *Cabecinha*

Cabecinha com nervos torcidos

n'uma aspera allucinação

do cerebro

Pois fique lá o concurso. Mas eu lhe digo: a avaliar pela gravidade do homem e pelo seu espirito, um traço da sua alma deve

ser coisa séria e a *torcidella dos nervos na aspera allucinação do servo* coisa pavorosa.

Ou então coisa engenhosa, como essa, que revelamos n'outra parte, d'elle querer o exercito habilitado a pescar caranguejo e a apanhar molicho.

Não se percebia bem porque o homem desafiava com tanta insistencia o sr. Homem Christo a discutir estratégia com elle. Mas agora percebeu-se. Para elle *cavallaria a cavallo* é horra. *Infanteria a pé* é zero. Officiaes, á frente da *cavallaria horra* e da *infanteria zero*, são *macacos fardados* (pelo amor de Deus não lhe batam, senão o homem não torna a dizer nada e foise a oitava maravilha do mundo. Deixem n'ó, que não ha injuria) *que fazem luzir para as namoradas os seus galões doirados*.

A missão salvadora do exercito é outra, muito outra. Alli, a apanhar caranguejo para escaço! Alli, a apanhar molicho! Calça e manga arregaçada. Vamos. *Esparhar estrume, marche!*

Ellos *macacos fardados* desembainham a espada e commandam a manobra do estrume.

E venha agora cá o sr. Homem Christo dizer porque é que a cavallaria está melhor na frente do que á beira-mar!

Que nos dizem a isto?

Mas não lhe batam! Se apparece por ali algum esturrado da tropa a embirrar com o homem e a vér injurias no que é engenho, então, está tudo perdido.

Desde já declaramos que só continuaremos a expôr ao respeitavel publico a oitava maravilha do mundo com a condição de a deixarem na paz do Senhor.

E attenção. Vae principiar.

«Vitalidade», 19 de novembro de 1899:

«Porque eu, da trovoadá, tenho medo, confesso, desde que um dia um raio se dignou cahir no pé do mim, a poucos passos do local em que estava a jantar, por signal que me fez cahir o garfo e a faca e até o comer que levava para a bocca.»

Atrevimento de raio! Seria elle o *traço da alma*? Fazer-lhe cahir o garfo e a faca e até o comer que levava para a bocca, só coisa létrica. Ou *traço da alma*, ou *aspera allucinação do cerebro*, ou obra de Satanaz. Até o comer!

Depois de cahir o garfo e a faca ATÉ cahiu o comer! Na verdade foi muito. Muito! Muito! Alli andou rebuliço. Os seus *sentimentos da alma*, o seu *pállido reflexo da homenagem que lhe vae na alma*, o *coração humano fortificado e depois chrystalisado na alma portuguezá desde 1640*, o seu *traço da alma*, tudo de mistura com a *alma pasmada* do Joaquim de Mello Freitas, do mestre, elle gritando *alma*, o Joaquim de Mello gritando *alma*, elle com o *traço da alma*, o Joaquim de Mello Freitas com a *abdicção da alma*, os *eccos repetindo alma, alma, alma, alma, alma*, os *valles rugindo alma*, os *montes bramindo alma*, o *chão a tremer*, a *meza a dançar*, a *alma a pular*, o *garfo a cahir*, a *facá a cahir*, a *alma pasmada*, a *fugir*, e o *comer que*, depois do *garfo e da faca cabirem*, ficara boiando na *aspera allucinação do cerebro agarrado á torcidella dos nervos*, o *comer suspenso da alma abdicada*, da *alma pasmada*, da *alma chrystalisada desde 1640*, por fim cahindo também. E sem acudir o Ricardo!

Foi rebuliço e foi azar. Se acode o Ricardo, o rebuliço acabava logo, a felicidade vinha, e o «Cabecinha» ficava livre de aquelle terror das trovoadas e não haveria um atrevidissimo

raio que lhe fizesse cahir o garfo, a faca e ATÉ o comer que levava para a bocca.

Raio de raio mais atrevido, nunca se viu!

«Porque eu também sou como os mais, — também como, também bebo... etc.»

Essa affirmacão é de grande previdencia e tino. Realmente, depois do raio do raio lhe deitar abaixo o garfo e a faca e ATÉ o comer, foi bom affirmar que era como os mais. Admiravel bom senso! E' certo. Pelo menos no comer, depois da scena do atrevidissimo raio, parecia que não era como os *mais*. Fez bem em affirmar. Oh! lá fino é elle. Isso é. Não haja duvida.

«Vitalidade», 29 de outubro de 1899.

«Perante o estado morbido do espirito nacional, nós—triste é dizelo!—vivemos, ou antes, vegetamos n'um deploravel espirito de imitação.

Os progressos do luxo, as ficções da sociedade, a largura das calças, a fórma dos chapéus, os tratados de civilidade tendentes a ensinar como se passa mal, tanto d'espirito como de estomago, tudo isso que nós importamos do estrangeiro está tão arreigado no temperamento portuguez, tão cegamente identificado, que, para a sua mais rapida importação, queremos tudo pelos arames.»

E ora aqui está porque o comer ficou suspenso depois de cahir o garfo e a faca, sendo preciso que o raio se atirasse a elle como se tinha atirado ao garfo e á faca.

E' que o homem come pelos arames!

Vae-lhe o comer para a bocca pelos arames. Vem-lhe a fórma dos chapéus pelos arames. Vem-lhe a largura das calças. Veem-lhe os tratados de civilidade. Tudo isso se lhe «arreiga» no temperamento. E depois de «arreigado», só a raio!

Está bem.

Ficamos então sabendo que lhe vem a largura das calças pelos arames.

Está bem.

Conversaremos no domingo a esse respeito.

Brinde

Os agentes n'esta cidade da Companhia de Seguros *La Union y el Fenix Español*, lembraram-se brindarnos com um bonito kalendaro para 1902.

Agradecendo a delicada offerta, diremos que esta Companhia tem sido sempre bem representada em Aveiro, pois foi longo tempo seu agente o fallecido visconde da Silva Mello, e presentemente representa-a a firma commercial *Visconde da Silva Mello, Successores*, a qual é composta dos srs. Mellos Guimarães e João Campos da Silva Salgueiro.

SEMPRE IDIOTA!

Cabecinha anda muito contente porque o sr. Homem Christo é o primeiro a dizer que não tem sympathias em Aveiro, que protesta com indignação se alguém disser que as tem, que as não pôde ter, que as não deve ter, que as não quer ter.

O imbecil nem percebe quanto ha de desprezivo para os mandões da terra n'essas palavras do sr. Homem Christo. E d'ellas conclue que o sr. Homem Christo não tem influencia nem peso nenhum em Aveiro.

Ora oiça o *Cabecinha*.

Como n'outro logar se demonstra, é o mesmo *Cabecinha* que começa hoje a desmentir-se a si proprio. No proximo numero publicaremos os documentos com que os magnates de Aveiro tem applaudido o sr. Christo, e lhe

tem agradecido os seus *relevantes* serviços. E ficará provado, não que o sr. Homem Christo tem sympathias, porque aquelle nosso amigo já disse que *as não quer ter, que as não pôde nem deve ter, que as não ha de ter*. Mas que é tão accentuado o seu valor que sem mesmo ter *sympathias*, nem as *pôde ter*, nem as *querer ter*, os magnates de Aveiro lhe votam applausos e mensagens de agradecimento.

Ora o *Cabecinha*, que não se consente de que só tem dicto até hoje, ou consentido que se dissosse, uma unica verdade, aquella em que affirmou que a *penna de aço* do sr. Homem Christo é a *verdadeira cruz dos seus detractores*.

Convence te, *Cabecinha!*

Tu o disseste. Tu o provas!

«Pintaram-o morto e elle surge (o sr. Homem Christo) como a gloria de Granach na cathedral de Weimer.»

Tu o disseste, *Cabecinha!*

E tu também, *Cabecinha*, o pintas morto.

Este idiota faz rir, e mais nada.

Contribuição em divida

Foi prorogado, até 15 do corrente, o prazo para pagamento voluntario da 1.ª prestação das contribuições em divida até 1900, assim como a todos os contribuintes que na epocha legal requeiram o beneficio constante das portarias de 12 de julho, 12 e 19 de setembro e 11 de outubro do anno findo.

Quando na «Vitalidade» figurava o *Cabecinha* como director, dizia ella, do sr. Homem Christo:

«Querendo imitar Van Dyck pintaram-o morto e elle surge como a gloria de Granach na cathedral de Weimer. Com pretensões a Rubens, pintaram-o na cruz, sem verem o quadro do museu de Anvers, mas nós vemos que a sua penna de aço é que é a verdadeira cruz dos seus detractores.

Terá sempre razão no que escreve? Supponho que nem sempre, mas o que sempre tem é uma ironia para fazer tremer o adversario e um argumento para o fazer cahir. Emquanto a linguagem, encanta-nos a todos.»

Isto foi em 23 de Setembro de 1894.

«Vitalidade» ainda n'outro dia encheu de incenso o sr. Homem Christo, mas, então, não era *Cabecinha* coisa alguma no periodico. Em 1894, porém, era elle o director e nem sabemos se foi elle mesmo que escreveu aquillo. Não indagamos essas coisas. Não deve ter sido, porque d'aquelle idiota não sahiam coisas tão acertadas. Mas, fosse ou não fosse, como era director, e assim figurava na cabeça do jornal, a primeira responsabilidade dos escriptos então publicados era sua.

Pois bem. Segundo *Cabecinha*, o sr. Homem Christo tem sempre uma ironia para fazer tremer o adversario, um argumento para o fazer cahir e a sua penna d'aço é que é a verdadeira cruz dos seus detractores.

Ora apanhem lá os francaceos esse pião á unha.

«Povo de Aveiro.»

Em consequencia da grande procura que tem tido este periodico, resolvemos de hoje em diante pô-lo á venda, em Aveiro, na PASTELARIA «CYSNE», aos Balcões.

O SR. MATTOSO

Como disse o sr. Homem Christo, *Cabecinha* pôde merecer um tiro como salteador. Como garoto, nem merece dois pontapés.

Como Jayme de Magalhães Lima, que é o tal heroe do chicote, como Joaquim de Mello Freitas, não lhe faltam atrevimentos emquanto o negocio é de pouco perigo. Quando a questão ameaça seriedade, recolhem-se todos a uma *meditada* prudencia, embora fazendo tristissimas figuras. Já se viu como é facil *amansa-los, emmudece-los* a todos. Mas nada mais ridiculo que usar d'esses expedientes com *Cabecinha* garoto. E *Cabecinha* bem o sabe.

O sr. Homem Christo, traçando a sua conducta, traçou a nossa. *Cabecinha*, que não passa de um *Calino* sem imputação, d'um idiota atrevido, na opinião dos proprios que o arremessam sobre nós como um gato pôdre—assim o provariamos com documentos que temos na nossa mão, se *Cabecinha* nos merecesse tal prova — *Cabecinha* idiota seria a ignominia, não já do sr. Homem Christo mas de todos nós, se directamente tentassemos levantar as suas baboseiras, que elle, e as cavalgadas que o acompanham, chegam a imaginar que são offensas. Seria a nossa ignominia levantar baboseiras de tal ordem, como seria o nosso ridiculo pedir o chicote emprestado ao sr. Jayme de Magalhães Lima para o assentar na cara deslavada do brejeirete sem pudor, fazendo o jogo da quadrilha do sr. Lima. Não. Por ahí não nos apanha lá o Pinto. Arrostar as cóleras do Pinto por as trombas do *Cabecinha*, foi tolice mal prevista pelos quadrilheiros do Carmo. Não ha de ser por ahí, nem com processos semelhantes, que nos hão de metter rombo. Estamos prevenidos para hypotheses de tal ordem.

Mas se *Cabecinha* não nos merece, directamente, coisa alguma, merecem-n'a aquelles que lhe pagam e que o mandam.

Os senhores desenganam-se. Nem nascemos hontem, nem temos tão pouca pratica do mundo, que não saibamos os caminhos que devemos trilhar. Os senhores são uns asnos, imaginando que a nossa experiencia, de tantas luctas, não nos tivesse ensinado a conhecer as manhas dos politiquieiros.

Os senhores todos sabem que a reputação do sr. Homem Christo não está á mercê das cavalgadas dos Balcões ou dos imbecis da *Camara do Commercio*. Deveriam, d'ahi, concluir, que mais baboseira, menos baboseira contra aquelle nosso amigo, não põe, nem tira. Mas, sem pôr nem tirar, irritariam pelo espirito que as dicta e pelos processos que se empregam. E, n'este caso, era de prevér que nós não ficassemos perdendo tempo com o *Cabecinha*, deixando-os em paz aos senhores todos.

Assim o disse o sr. Homem Christo e assim o fez. Assim o faremos nós, persistentemente, como é nosso costume.

Entre os que mandam e pagam o *Cabecinha* está o sr. Mattoso. Ainda tivemos duvidas a esse respeito, mas já não temos nenhuma. Os francaceos insinuavam, mesmo, que era elle que tinha a culpa de tudo, porque fóra elle, e não o sr. Lima, quem tinha dicto ao *Cabecinha* para dizer ao padre Vieira, dizendo-o depois directamente ao mesmo padre Vieira, que não provocasse nem sustentasse polemicas locais na *Vitalidade*, prometendo ao mesmo tempo, secretamente, ao *Cabecinha*, dar-lhe, emfim, o alvejado emprego, se se atravessasse, elle, *Cabecinha*, a atirar lama bastante ao sr. Homem Christo.

Isto insinuavam, isto diziam os francaceos, e de que o insinuavam e diziam temos nós provas sufficientes, porque provas de tudo não nos faltam, louvado seja Deus.

Ao principio tivemos duvidas de que o sr. Mattoso fosse um dos mandantes do *Cabecinha*. Hoje não temos duvidas nenhuma. Não é o unico. Mas é um d'elles.

Tanto que *Cabecinha* não poude fugir a tornar publico o azedume do seu *augusto amo* vindo accusar o sr. Homem Christo de dizer que devia favores ao sr. Mattoso estando a censurar o mesmo sr. Mattoso na imprensa. E o *Cabecinha*, cavallariço, chronista e panegyrista da casa da Oliveirinha, não diz nma palavra sobre os patões sem auctorisação dos mesmos. E o sr. Mattoso confessa, a quem o quer ouvir, que o *Cabecinha* ha de ter o emprego prometido, porque o merece.

Ora, excellentissimo senhor, não admira, não admira mesmo nada, que o *Cabecinha*, que é um idiota, um idiota atrevido, petulante—e este genero abunda no mercado—mas idiota em todo o caso; não percebesse a ironia pungente das palavras do sr. Homem Christo, quando falou nos favores que devia a v. ex.ª O *Cabecinha*, que é um idiota, puramente um idiota,—não sabemos se para v. ex.ª é um homem intelligente, deve ser—nem percebeu a ironia, diremos mais: a desdenhosa zombaria, com que o sr. Homem Christo falou n'esses favores, nem aquella com que este nosso amigo se referiu, confirmando-a, á falta de sympathia que tem em toda a parte.

O *Cabecinha* não a percebeu. Mas devia-a ter percebido v. ex.ª

Das duas, uma. Ou v. ex.ª, como juiz, julgou a favor do sr. Homem Christo uma injustiça, ou não julgou. Se julgou, é dizelo. Se o favor prestado ao sr. Homem Christo foi lér o processo e fazer justiça, o sr. Homem Christo, já o disse, agradece esse favor, mas não a ponto de engraxar as botas de v. ex.ª

Nós persistimos em affirmar que o favor foi esse e só esse.

Em tal caso, a consideração devida a v. ex.ª não impede duas palavras de justiça e de verdade. Então ouça v. ex.ª, que não diremos muito:

E' certo que v. ex.ª tem soffrido successivos cheques nos ultimos tempos. Mas temos nós culpa d'isso?

V. ex.ª pronunciou-se abertamente contra a candidatura do sr. Albano de Mello. Tomando essa attitude, poz-se em rebellião—como tantas outras vezes se tem posto—contra a auctoridade do sr. José Luciano, irmão de v. ex.ª, o qual, publicamente, recommendou a candidatura do sr. Mello. O sr. Albano de Mello venceu por enorme maioria. O prestigio de v. ex.ª afundou-se com isso. Passava v. ex.ª por ser o arbitro dos destinos no districto de Aveiro. Demonstrou-se que o não era. Demonstrou-se estrondosamente. A esse golpe terrivel juntou-se o desaire de v. ex.ª ser vencido, depois de se ter revoltado contra o chefe do partido progressista. Foi de bota abaixo. Claro é que para tamanho desastre não podia servir de consolacão a *poesia infinita* do *Cabecinha*. Por mais que o *Cabecinha* torcesse os nervos na *allucinação do cerebro*, por mais que collocasse o *traço da alma* por cima de v. ex.ª, servindo-lhe d'*égide gloriosa*, por mais que cantasse o novo Bussaco da Oliveirinha; por mais que *Cabecinha* offercesse a v. ex.ª o *pállido reflexo da homenagem que lhe ia n'alma*, v. ex.ª estava derrotado de fórma tal que não havia consolacões para tal derrota.

Mas qual a nossa culpa? Diga, excellentissimo senhor, qual a nossa culpa?

Depois d'isso, v. ex.ª quiz fazer presidente da camara o *Caranca*. Ahi esteve v. ex.ª quasi a triumphar. Mas afinal não triumphou.

Ainda ahi: que culpa tivemos nós? Para que anda v. ex.ª no districto de Aveiro a fazer o jogo dos adversarios d'aquelle partido a que v. ex.ª diz pertencer?

O mal é esse, e só esse.

Por fim veio a questão do regimento.

Aqui foi outro golpe de bota abaixo. V. ex.ª, o arbitro dos destinos no districto de Aveiro, tor-

nou a ficar a chuchar no dedo (desculpe-nos o plebeísmo). Aqui perguntamos outra vez: de quem é a culpa?

Para que é v. ex.^a progressista só no nome? Para que anda v. ex.^a em guerra aberta com os progressistas do concelho de Aveiro?

Afinal, toda a gente de fóra de Aveiro nos escreve, a perguntar-nos: «Quem foi que tirou o regimento de cavallaria d'Aveiro? Foi o sr. Homem Christo?»

A este nosso amigo, segundo elle nos mostrou ha dias, escrevem varios amigos dizendo-lhe: «Foi você que collocou a infantaria em Aveiro? Foi você, sem duvida, porque a gente d'aquella terra não fala senão em você. Você é o alvo de todos os resentimentos e odios recalçados. Atiram-se a você como cães dançados.»

Diga-nos v. ex.^a, sr. Mattoso, —tambem agora é occasião de perguntar—: «Então foi o sr. Homem Christo, realmente, que tirou d'Aveiro o regimento de cavallaria, que poz em Aveiro o regimento de infantaria?»

Que elle concorreu para isso, não ha duvida. Mas v. ex.^a não o manda tratar como um cúmplice. V. ex.^a manda-o tratar como actor. V. ex.^a e todos os francecos. O alvo é elle. Elle, só elle!

Pois, na verdade, o homeni que se dizia arbitro nos destinos do districto de Aveiro confessar-se, implicitamente, menos influente em questão de tal importancia do que o sr. Homem Christo, é caso tão notavel que não nos podemos dispensar de voltar ao assumpto.

V. ex.^a ha de nos permittir mais um bocadinho de conversa. Mas não mande metter o *Cabeçinha* de perneio.

Olhe que elle—apezar de ser um rapaz intelligente—faz asneira e deixa a questão peor do que está.

Até domingo.

Continuaremos no proximo numero a publicação regular das *Cartas d'Algueres*.

Um doido perigoso

Marchou na terça-feira de tarde em direcção a Verdemilho uma força de 10 policias, commandada pelo cabo Engino, afim de capturarem um doido que se evadiu do Hospital de Alienados, de Lisboa.

O desgraçado veio a pé da capital até Verdemilho, fazendo pelo caminho grandes disturbios, insultando toda a gente que encontrava.

O infeliz, segundo nos informam, tomou a estrada que de Coimbra segue até Cantanhede, passando por Sôza e Vagos em direcção a Ilhavo. Aqui deitou-se ao arraes Ançã, que o tozou bem, vindo refugiar-se em Verdemilho, terra da sua naturalidade. Ao passar pela porta do escriptorio da redacção dos *Successos*, no Corgo Commum, insultou com palavras e gestos o seu redactor, tentando partir os vidros dos caixilhos, ao que se oppoz o sr. Marques Villar, recebendo este cavalheiro uma valente mordidella no dedo polle-gar da mão direita, que teve de ir curar-se a uma pharmacia de Ilhavo.

Em Verdemilho investiu com o sr. Rocha Martins, professor official n'aquella localidade. Mas este senhor que é dotado d'uma musculatura regular, prespegou-lhe um formidavel murro que lhe partiu dois dentes.

Dizem-nos que a mania d'este infeliz é o querer discutir *Direito internacional*, livro do fallecido Serpa Pimentel,—de quem era grande admirador,—com qualquer jornalista, e ser empregado publico.

Vae ser reenviado de novo ao Hospital de Alienados.

PUBLICAÇÕES

AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de EDUARDO DE NORONHA

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias sera feita quizenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 rs.—cada fasciculo—120 rs.

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa ou aos seus correspondentes.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de PEDRO VIDOEIRA

50 rs. cada semana, no acto da entrega

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs.—cada volume—300

A' venda o 1.^o volume, com uma capa a côres, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

BIBLIOTHECA HORAS ROMANTICAS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brillante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreccho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ALMANAK DO REGISTO CIVIL

(ILLUSTRADO)

Guia do Registo Civil

publicado pela benemerita Associação de Beneficencia propagadora da lei do Registo Civil.

Preço 60 réis

FERRAGENS,

zincos, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de merceria e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Comercio, 42 a 44

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.^a edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOLO!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do *QUO VADIS?* seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a côres e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

PARA E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.^a, 2.^a e 3.^a classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sair de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias a srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões. Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

VENDAS SO A DINHEIRO

Preços fixos

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapellaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharas, bijonterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix.**

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Vinho de Bucellas

O legitimo vinho de Bucellas só se vende em Aveiro no estabelecimento de **José Gonçales Gameilas**, á **Praça do Peixe.**

AVEIRO